

ISABEL MOUSTAKAS

Esta terra selvagem



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Isabel Moustakas

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Christiano Menezes

Ilustração de capa

Chico de Assis

Preparação

Raquel Toledo

Revisão

Marina Nogueira

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moustakas, Isabel.

Esta terra selvagem / Isabel Moustakas. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2689-7

1. Ficção brasileira I. Título.

16-00456

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Demorei um pouco para encontrar a casa, contornando a mesma praça com os mesmos velhos sentados à mesma sombra, jogando fora a mesmíssima conversa de todos os dias, quatro ou cinco vezes passei por ali e um deles acenou, sorridente, depois da segunda volta; óbvio que me sacaneava. Quase parava para lhes perguntar quando me lembrei do ponto de referência: um prédio verde ao lado de uma padaria-boteco, numa das esquinas. Eu tinha notado o prédio verde, desbotado, quase branco, mas não a padaria, pois não havia letreiro, placa, nada, e então vi um balcão e a estufa com salgados. Era virar ali, seguir por aquela rua, dobrar à esquerda na segunda esquina, depois à direita, e pronto.

O aprazível bairro do Limão.

Logo estava na ruazinha estreita, cheia de casas apertadas umas pelas outras, feito crianças se aboletando num banco; crianças de mais, espaço de menos.

Estacionei diante do portão enferrujado, peguei o bloco e uma caneta no porta-luvas, o celular que deixara jogado no banco do carona e desci. Não precisei tocar a campainha. Uma se-

nhora de uns sessenta anos escancarou a porta e gritou que o portão estava destrancado. Entrei na garagem vazia, fechando o portão ao passar, e me dirigi à porta onde a mulher me esperava com a mão estendida.

“O senhor deve ser o João”, disse. Se não tinha certeza, por que me deixou entrar? “Eu sou a Agnes. Chegou rápido.”

“Pois é”, sorri. “O jornal é aqui perto.”

Era uma dessas casas antigas e reformadas geração após geração quando, talvez, o melhor fosse pôr tudo abaixo e construir outra do zero. A sala de TV mais parecia um corredor, e imaginei alguns pobres-diabos tentando, nos últimos trinta ou quarenta anos, assistir a um jogo de futebol enquanto uma infundável procissão de crianças zurrava de um lado para o outro, na correria habitual. Passamos por uma espécie de copa, maior e mais iluminada que a sala, notei o corredor escuro à direita, dois ou três quartos penumbrosos, e chegamos à cozinha.

A garota estava sentada à mesa, mãos unidas sobre o tampo, os dedos entrelaçados como se rezasse. Uma adolescente comum. Dezesseis anos.

“Esse é o João”, disse a velha.

Ela me encarou. “Eu sei.”

“Olá, Marta”, eu disse.

Agnes fez um sinal com a cabeça, puxei uma cadeira e me sentei de frente para a menina. Depois, sem me perguntar se eu queria, colocou uma xícara na minha frente e serviu um tanto de café.

“Passei agorinha.”

Também pôs uma garrafa com água gelada e um copo ao meu alcance. Agradei.

“Vou ficar ali na sala e deixar vocês à vontade. Qualquer coisa, é só gritar.”

“Obrigada, vó.”

“Obrigado, dona Agnes.”

Esperiei que ela saísse para encarar a menina. Estava muito magra, de uma palidez adoecida, ainda mais intensa por conta dos traços que explicitavam sua ascendência. A mãe era brasileira, neta de italianos, mas o pai (de cujo lado herdara o formato do rosto, os cabelos, os olhos) era um imigrante boliviano que, segundo disseram, descendia dos aimarás. Vestia uma camiseta branca lisa e mantinha os cabelos presos num rabo.

Olhava diretamente para mim.

Tomei o café e empurrei a xícara para um lado, colocando o bloco em seu lugar.

“Quer mais café? Se quiser, pode pegar.”

“Não, obrigado”, tentei sorrir.

Ao lado dela, um prato com farelos de pão e, sobre ele, uma faca pequena, de lâmina estreita e cabo de madeira. Havia também outra xícara ao lado do prato, mas não parecia ter sido usada.

“Eu pedi que o senhor viesse.”

“Eu sei. Não precisa me chamar de senhor.”

“Você. Eu pedi que você viesse.”

“Você quer conversar? Falar sobre o que aconteceu?”

Balançou a cabeça uma única vez: sim.

O som de um programa matutino vinha da sala. A velha ligara a tv. Não queria mais saber daquela história.

“Sete meses agora”, disse Marta. “Hoje.”

Sete meses. O caso fora muito noticiado durante algum tempo (até ser engolido por outros, tão escabrosos quanto, e cada vez mais frequentes). Uma ONG se dispusera a pagar pela internação hospitalar e, depois, pela estadia numa clínica ou coisa parecida, onde ela permaneceu por dois meses. A polícia não conseguiu identificar os responsáveis. Ninguém preso, ninguém acusado.

Fantasmas.

Ela não falou com a imprensa durante todo aquele tempo. Não falou com ninguém.

Uma funcionária da clínica me disse que ela ficava calada nas sessões com a terapeuta. Daí pensei que, se a terapeuta comentava com todo mundo sobre as sessões, a ponto de a recepcionista saber o que acontecia lá dentro, calar a boca foi a melhor coisa que Marta podia ter feito.

“Eu li seu artigo. Não tinha lido nada a respeito ainda.”

“O artigo que saiu no último domingo?”

“Esse mesmo. Minha avó nem queria que eu lesse, mas eu... Eu gostei do que você escreveu. Não ficou nessa coisa de... nisso de explorar, sabe? Porque é muito ruim o que rola quando... você sabe.”

Concordei com a cabeça.

Ela continuou: “E você falou de outras coisas. Outros casos. Deu uma geral. Eu nem sabia de todos esses... tem muita coisa acontecendo. Muita coisa ruim. E você disse que está aumentando, né? O louco é que ele me disse que ia ser assim. Ele me avisou. Ele... eu não fiquei, eu não... um deles ficou pisando na minha cabeça enquanto os outros quebravam tudo e batiam nele, no meu... eles batiam e batiam, com toda a força... o meu pai, ele...”

Uma lágrima bem grossa desceu do olho esquerdo.

Quem disse o quê? Quem avisou?

Ela manteve as mãos sobre a mesa, nada do gesto instintivo de perseguir a lágrima, desaparecer com ela, esfregar os olhos, nada disso.

No silêncio que se seguiu, anotei algumas coisas no bloco. Ela não pareceu se importar.

“Eu só... posso tentar... conto algumas coisas, o que eu conseguir, e daí o senhor... você pode escrever, se quiser. O que quiser.”

Concordei de novo com a cabeça. “Você se importa se eu gravar?”

Ela fez que não. Tirei o celular do bolso, acionei o gravador e deixei sobre a mesa, ao lado da garrafa com água.

Ela ficou olhando o aparelho por um tempo.

Respirou fundo.

“Ainda está tudo meio embaralhado aqui dentro. As coisas só parecem claras quando eu sonho. No sonho, tudo... uns detalhes, sabe? Tipo, a tatuagem de um deles.”

“Tatuagem?”

“Aqui em cima”, colocou a mão direita na omoplata. “Uma suástica, mas não naquelas cores de sempre. Vermelho e tal. Era uma suástica azul, dentro de um losango amarelo e com um fundo verde. Eu não me lembrava, e daí sonhei. Vi quando ele se abaixou. Quando ele, sabe?, ele... a minha mãe...”

“Eles usavam máscaras, certo?”

Ela fez que sim. “Usavam. E calças e uns coturnos pretos, camisetas brancas. Tipo essa. Sem nada escrito. Um deles estava sem camisa. E tinha os... os cadarços.”

“Verde-amarelos.”

“Verde-amarelos.”

Cadarços verde-amarelos. Calças pretas, camisetas brancas. Máscaras. Suásticas nas cores da bandeira.

Ela respirou fundo outra vez, mas agora a respiração fraquejou no meio, como se falhasse.

Coloquei um pouco de água no copo e o empurrei na direção dela, que agradeceu, mas deixou o copo onde estava, nem sequer tocou nele.

“Vou tentar... assim, do começo”, disse.

“O.k.”

“Eles tinham chegado do trabalho. Meus pais.”

“Seu pai era mecânico. Certo?”

“Sim. Trabalhava numa oficina ali perto da Barra Funda.”

“E sua mãe?”

“Ela trabalhava numa empresa de cobrança. Era formada em ciências contábeis. Enfim. Eles chegaram e a gente falava sobre... tentava decidir o que ia comer. A gente sempre pede... pedia... a gente sempre pedia comida na sexta. Pizza, chinês, hambúrguer, essas coisas. Eu queria yakisoba. Acho que minha mãe também queria. É, ela também queria. Ela gostava muito. Meu pai é que ficou enchendo, vocês já pediram yakisoba na semana passada, mas não era verdade, fazia pelo menos um mês que ninguém pedia. Se fosse por ele, a gente só pedia pizza, sabe? Ele gostava muito de pizza. Mas daí eu e minha mãe bate-mos o pé e ele se deu por vencido. Falou pra gente pedir enquanto ele ia tomar banho. Ele trabalhava... já falei, né? Todo sujo de graxa, o sorriso branco ali no meio. Era bonito, ele. E era muito bom mecânico, tipo o meu avô, ele aprendeu tudo com o meu avô, que tinha uma oficina lá em Quillacollo, e meu pai também ia ter a oficina dele aqui em São Paulo, um dia, não ia demorar, eu sei que não, eu sei que não.”

Esperei por outra lágrima, mas ela não veio. Yakisoba. Mecânico. Quillacollo. Oficina. Eu anotava tudo.

“Meu pai estava no banho quando eles entraram. Parecia uma brincadeira, um... um... trote, tipo... eles apagaram as luzes, seis deles, deixaram só a do corredor acesa, um deles chutou a TV, jogaram a minha mãe no chão, começaram a rasgar as roupas dela, e me jogaram no chão também, um deles me deu um murro na cabeça, outro pisava na minha mão, aqueles cadarços... meu pai veio do banheiro enrolado numa toalha, começaram a bater nele, a bater muito mesmo, chute na cabeça, no corpo, também pisando nas mãos dele, mas não como pisavam na minha mão, na minha cabeça, pra eu não me mexer, mas dando uns pisões mesmo, com toda a força, eu ouvia uns

estalos, ele berrando de dor e eu e minha mãe, uns... e depois eles... eles...”

Eu sabia. Talvez ela não precisasse dizer.

“Você não precisa...”

Ela balançou a cabeça.

Talvez não precisasse, mas certamente *queria*.

“Eles... abusaram dela... um depois do outro, dois deles, os outros olhando e rindo, xingando, batendo mais no meu pai... depois bateram muito nela também... eu fiquei o tempo todo encolhida no chão, olhando pra baixo... daí um deles me puxou pelo cabelo e me obrigou... na minha boca... o cara terminou e eu acabei vomitando, me deram uns chutes também, ficavam dizendo que eu ia me acostumar, que eu... daí só me lembro deles... acho que tinham desmaiado, sabe?, meu pai e minha mãe, eles não se mexiam, não... tinha muito sangue, eu nem... jogaram ela em cima dele, assim de qualquer jeito, amontoados, e um deles apareceu com esse... galão... despejaram em cima, aquele cheiro. Gasolina. Eu vomitei de novo, acho que comecei a implorar... me arrastaram pra fora, me jogaram dentro de um dos carros, dois deles entraram comigo no banco de trás... tinha dois carros... empurraram a minha cabeça contra o vidro, pra que eu assistisse, sabe... eu vi o fogo lá dentro, ouvi... os gritos... eu...”

O ar ao nosso redor estava oleoso.

Eu tinha parado de anotar.

A voz dela saía alquebrada, chegava até mim em ondas fracas, desmancháveis.

O esforço parecia descomunal.

“Eu vi o fogo, e o carro em que me jogaram arrancou, eles... ficaram rodando, não sei quanto tempo, e eu ali... eles mandavam eu calar a boca, mas eu... tinha dois ali atrás comigo e outro na frente, sozinho, eu lembro porque ficava olhando o

banco da frente vazio... não sei quanto tempo... até que um deles botou um capuz em mim, mas quando fez isso a gente já estava rodando fazia um tempão... acho que foi o motorista quem mandou, quem disse dá um tempo aí, porra, lembro dele dizendo isso, acho que depois de receber uma ligação, ficou falando estamos com ela, é, estamos sim, é pra fazer o quê com ela? e eu juro, fiquei rezando, pedindo, me mata logo de uma vez, acho que cheguei a dizer isso, disse sim, e me deram outro murro na cabeça, calabocasupiranhacalaaporradessabocacarahlo, e calei... estava largada no assoalho, imprensada, encolhida, e não sei quanto... só me lembro deles me tirando do carro... bem frio... era um lugar tipo... fora... ventava muito e eu lembro de pisar num gramado... me levaram pra dentro de uma casa, me jogaram num quarto, um deles arrancou o capuz, o quarto tinha as janelas... jornal, umas páginas de jornal presas com fita, e essa cama de casal e um abajur num canto, eu lembro do abajur porque era vermelho, tinha o fio vermelho, fiquei olhando pro abajur, pro fio, pensando no fogo enquanto eles... eles..."

A voz falhou de vez.

Pensei em insistir que ela bebesse um pouco d'água, mas não consegui dizer nada.

Os olhos dela estavam secos, fixos no tampo da mesa ou no meu celular ali em cima. As mãos estavam como antes, unidas, dedos entrelaçados.

Esperei quase dois minutos antes de perguntar: "Que lugar era? Uma chácara?"

Balançou a cabeça. "Acho... acho que sim. Não conseguia... os jornais, era muito jornal na janela... eu não conseguia ver nada lá fora. Mas não tinha barulho de cidade. Carro, ônibus. Nada."

"E eles te mantiveram ali por uma semana."

"Depois eu soube. Eu não tinha como..."

“Claro, claro.”

“Eles iam e vinham. Do quarto. Do lugar. Quer dizer, sempre tinha alguém... ficavam ouvindo música...”

“Que tipo de música?”

“Pesada. Não sei direito. Eu nunca... não gosto muito disso. Mas teve horas que ouviam outras coisas também. Música clássica, acho.”

“Música clássica?”

“É. Aconteceu duas ou três vezes. Bem tarde. No meio da noite. Não sei, acho que vinha alguém importante e eles tinham, tipo, umas reuniões, porque não ficavam naquela gritaria, naquilo de falar merda uns pros outros, mas eu ouvia as vozes, uma por vez, parecia reunião mesmo, discutindo alguma coisa bem séria, e era tudo organizado, cada um falava e tinha aplauso e tudo. E era sempre tarde. Escurecia e passava um tempão antes que isso começasse.”

“Depois de um tempo, você conseguia perceber que vinha alguém? Quero dizer, esse alguém importante?”

“Sim. A rotina mudava. Chegava mais gente, e eu ouvia eles limpando e arrumando o lugar, varrendo e tudo, e então chegava um carro, e depois começava a reunião.”

“Você conseguia ouvir alguma coisa dessas reuniões?”

“Não. Ouvia as vozes, mas não entendia o que diziam.”

“Eles te deixavam sair do quarto? Ir ao banheiro?”

“Nunca. Tinha dois baldes. Aqui você vomita, aqui você mijá e caga. Um deles falou isso. Me amarravam na cama. De vez em quando alguém vinha olhar. Perguntava se eu queria... usar os baldes. Eu dizia que sim, mas nem sempre queria, só queria ficar um pouco desamarrada, a corda machucava... Levavam comida uma vez por dia. Sanduíche, bolacha, resto de pizza. E água. Trocavam os baldes também.”

“Você tinha noção de quantos eram?”

“Mais ou menos. Acho que sempre ficavam pelo menos uns três na casa. Eles vinham. Um e depois... os outros ficavam olhando. Todos dentro do quarto. Teve esse gordo. Era bem gordo. O gordo pediu pros outros dois saírem. Eles riram da cara dele. Ele ficou nervoso e não... não deu conta. Daí ficou com raiva e me bateu. Depois pediu desculpa por me bater e os outros riram ainda mais. Eles riram muito dele.”

“Eles usavam máscaras?”

“No começo, sim. Depois foram deixando.”

“E usavam sempre o uniforme deles?”

“Não. Usavam roupa normal mesmo. Bermuda, camiseta. Tênis. Alguns ficavam descalços.”

“Eles chegaram a filmar quando... estavam com você?”

“Uma vez só. Mas daí veio alguém e brigou muito com o cara que filmava. Tomou a câmera da mão dele e tudo.”

“Mas, no final, já não usavam máscaras.”

“Não. Nos últimos dias, não.”

“Você conseguiria identificá-los, então?”

Balançou a cabeça. “Não. A polícia me mostrou umas fotos, mas... eram todos iguais. Carecas, brancos. Eram todos iguais. Tudo a mesma merda.”

Tudo a mesma merda.

“Como foi que te soltaram?”

“Foi depois da festa. Teve uma festa lá, com bastante gente. Meninas, também. Lembro das vozes e tudo. Puseram um capuz, sabe? Acho que chegaram a entrar no quarto. Eu não me lembro bem, eu... já estava bem fraca, não entendia direito... sim, entraram, porque me lembro de uma menina reclamando do fedor. Eu apagava e voltava. Daí, um deles entrou no quarto e me sacudiu. A música tinha parado. Eu ouvi outra pessoa entrando. Esse sujeito disse que tinham discutido a minha situação. Eu comecei a tremer, achei que iam me matar, né? Antes

tivessem. Era um cara mais velho, tinha voz de mais velho e tudo. Ele disse que iam me levar embora. Parecia meio chapado. Falando arrastado. Bêbado, sabe? Disse que tinham matado o meu pai porque ele era um porco, um índio boliviano safado, e a minha mãe porque ela era uma puta imbecil que deixava um índio boliviano porco safado meter nela. Falou desse jeito. E também falou que logo iam fazer muito mais e muito pior, que a hora estava chegando, ele repetiu isso, ficou repetindo, a hora está chegando, a hora está chegando e a gente vai queimar tudo que é índio boliviano e paraíba e crioulo e viado, não vai sobrar um, e depois disse que eu era, tipo, o aviso, sabe?”

“Aviso?”

“É. O aviso de que a hora está chegando.”

Prendi a respiração por um momento. Olhei para o bloco, mas não anotei nada.

“Ele disse mais alguma coisa?”

“Não. Acho que não.”

“Te levaram embora nessa mesma noite?”

“Foi. Me deram um troço pra tomar, enfiaram umas pílulas sei lá do quê na minha boca e me fizeram engolir, segurando o meu queixo com força, tapando o meu nariz e, não sei quanto tempo depois, eu apaguei. Só acordei no hospital.”

“Te deixaram num banheiro de posto de gasolina.”

A cabeça raspada. Imunda. Metida numa camiseta branca e grande demais.

“Me disseram depois. Me disseram.”

Ela parecia exausta. Esfregou os olhos, respirou fundo.

“Tem uns detalhes aí que eu só lembrei depois.”

“Com os pesadelos e tudo?”

“Também.”

Esperei um pouco. Talvez houvesse mais alguma coisa.

“Não quer um pouco d’água?”

Ela fez que não com a cabeça.

O volume da televisão parecia mais alto agora.

“Pode tomar”, ela disse, empurrando o copo na minha direção, o mesmo que eu enchera para ela. “Não tenho sede.”

Tomei um pouco. Me senti subitamente fraco.